

**Gravação: tdm48\_joker**

**Duração do Áudio: 01:28:52**

<b>Legenda</b>	
(-)	Comentários do transcritor
(00:00:00:00)	Marcação do tempo onde inicia a fala
[inint] [00:00:00]	Trecho não compreendido com clareza
Ahãm, uhum	Interjeição de afirmação, de concordância
Ãhn	Interjeição de dúvida, de incompreensão, ou pensando
Hã	Interjeição que exprime que o interlocutor aguarda a continuidade da fala da outra pessoa
Tsi-tsi	Interjeição de negação
TEXTO EM CAIXA ALTA	Palavra ou expressão pronunciada com ênfase
Hífen	Palavra dita de modo silábico
Orador A	Não Identificado
Orador B	Gustavo
Orador C	Hugo Leonardo
Orador D	Ana Flávia Garcia
Orador E	Não Identificado
Orador F	Bruno/Brunão

Orador A: Este projeto é realizado com os recursos do Fundo de Apoio à Cultura do Distrito Federal.

Orador B: Olá, gurizada. Sejam todos bem-vindos ao Trabalho de Mesa. Esse é o episódio número quarenta e oito. O episódio mais esperado. E, pra mim, o episódio mais importante de todas as temporadas, de todos os momentos. Porque, afinal de contas, nós vamos falar sobre cinema e palhaço, que são os dois temas que eu mais amo. Estou com duas pessoas que eu amo demais aqui, dessa vez. Porque pra falar de palhaço e pra falar de arte, pra falar dessa... dessa temática, não dá pra ser só uma crítica rasa, vazia, vagabunda e ruim como são esses montes de podcasts que têm por aí. E hoje eu prometo que a gente vai esbagaçar essa porcaria

toda. Vai estourar o áudio, vai gritar. Vai ser uma porcaria. O programa vai ser terrorista. Porque precisa, porque pode, eu tô pouco me fodendo pra o tanto de censura que a gente vai fazer nesse episódio. Então com vocês, senhoras e senhores, nós estamos com dois terroristas sensatos, intelectuais e maravilhosos, Hugo Leonardo e Ana Flávia Garcia.

Orador C: Olá, podosfera, Hugo Leonardo aqui falando, mais forte do que firme, como sempre. Mas o que interessa é o quê? Essa angústia na alma, que move o quê? Um genocídio, se precisar. Tô desse jeito, galera. Me aguenta.

Orador D: Olá, que saudade dessa podosfera, Trabalho de Mesa do coração. Pô, tá todo mundo bem puto, bem violento. Eu, no caso, trouxe as drogas pra tentar acalmar todo mundo, tarjas pretas e pílulas de sabedoria para aplacar as nossas angústias e toda essa fúria. Dar direção pra ela, pra que a gente acerte as pessoas certas. Da-da-da.

Orador B: É importante a gente fazer um disclaimer aqui, pra usar a palavra do momento. É que assim: a Ana Flávia tá há um tempão sem gravar, porque ela tava numa viagem, numa trip, numa road trip com as amigas, fazendo exatamente um festival colossal, internacional, mundial né, universal, de palhaças. Que a gente precisa... já deixou o compromisso, já acertou, a gente não vai ofuscar esse assunto pra falar de filmeco, de coisa de nenhuma. Esse assunto é tão mais importante, que a gente vai fazer um episódio só sobre isso. Porque tem muita coisa pra falar. Porque, realmente, não só a questão da palhaça – palhaça feminina – a questão do palhaço como signo. E a questão de a gente ser o único podcast que tem o gabarito de poder ter a Ana Flávia no elenco.

Orador D: Ei...

Orador C: Quase engasguei.

Orador B: Beleza. Ok. Mais alguma coisa que vocês queiram falar na entrada gente? Ou vamos embora?

Orador C: Não. Vamos que vamos.

Orador D: Vamos embora. Vamos embora. Nós estamos sedentos, famintos aqui.

Orador B: Então bora. Vamos aí pro recadinho da bilheteria Rique. Manda a bilheteria, que hoje vai ser uma zona.

Orador E: O Trabalho de Mesa tem o orgulho de ser apoiado pelo podcast Dragões de Garagem, acessando [dragoesdegaragem.com](http://dragoesdegaragem.com) você encontrará textos, vídeos e discussões sobre as áreas científicas e a Cientirinhas, uma co-criação dos Dragões de Garagem com o cartunista Marco Merlin, além dos podcasts da casa. Acesse [dragoesdegaragem.com](http://dragoesdegaragem.com) e conheça esse maravilhoso portal de divulgação científica. O Trabalho de Mesa também conta com o apoio do Portal Refil, um site de entretenimento com notícias, blogs, podcasts e muita informação para você, que se interessa pela cultura pop [portalrefil.com.br](http://portalrefil.com.br). E confira o canal de vídeos Refil TV, no Youtube com reviews de filmes, cabines, comentários e discussões sobre cinema e séries, Refil TV no Youtube. Quer entrar em contato com o TDM?

bilheteria@trabalhodemesa.com, anúncios, serviços, comentários, críticas e sugestões de temas. Entre em contato pelo bilheteria@trabalhodemesa.com. E não se esqueça de nossas redes sociais: @trabalhodemesa no Instagram e no Facebook. E se você quiser conhecer os bastidores de um dos únicos podcasts sobre teatro na internet, confira nossos vídeos, nossos blogs e as temporadas anteriores no Youtube, Trabalho de Mesa. O Trabalho de Mesa é uma criação da ETCA, Equipe Teatral Confins-Artísticos.

Orador B: A gente já fez alguns episódios, a gente já conversou algumas vezes sobre o signo do palhaço. Sobre o palhaço como representação da comicidade. A gente já fez episódios específicos sobre a tragédia, sobre a comédia, qual o limite do humor. Enfim, a gente tem aí um monte de episódios específicos sobre as linguagens do teatro, que, de repente, eventualmente arranham, passam, perpassam pela... pelo palhaço como um todo; ou pela palhaçaria ou clownaria. Não sei se vale à pena, se seria o caso. Se, de repente a gente sentir vontade, a gente tá totalmente livre pra poder falar viu gente? Mas a gente não precisa necessariamente se ater a uma definição didática do que é o palhaço. Porém, eu gostaria de chamar a atenção para o ouvinte, para a ouvinte, que está nesse momento aqui, nos acompanhando e nervoso também com a gente, que muito provavelmente o conceito ou a ideia que a gente tem de palhaço na sociedade, não é necessariamente, o que eu, o Hugo e a Ana estamos neste momento, usando como referência, quando a gente está falando de palhaço. Então, talvez, em alguns momentos é importante a gente tentar fazer uma coisa assim: ok, eu estou me referindo neste conceito. Porque o palhaço acabou virando uma coisa também meramente de protesto ou apenas o cara com uma máscara ou apenas um idiota ou um político ou sei lá; foi virando, virando, virando. E eu sempre fui – o Hugo tá aqui, a Ana Flávia tá aqui, eles podem atestar – eu sempre fui uma pessoa, desde as minhas iniciais, escolarização na faculdade. Eu sempre fui uma pessoa que odiava gente que usa palhaço como sinônimo de xingamento. Sempre fui a pessoa que bateu contra. Inclusive, vários amigos de palhaços que eu tenho falavam: ah, amigo, mas isso é bobagem. Os termos são mais importantes. Eles evoluem, tipo... né? E daí que a pessoa use nesse... não tem problema. E eu sempre fui muito militante assim. Ao longo do tempo eu fui diminuindo. Na verdade, eu anulo a pessoa que fala. Mas eu não fico mais indo atrás para corrigi-la. Antes eu ia lá, panfletário: não, mas presta atenção, palhaço é isso, palhaço é aquilo. Só que um dia, eu tava sentado, conversando com três pessoas totalmente leigas da área cênica. E o Hugo tava lá – ó Hugo, cê nem sabe disso, improvisa aqui – e aí a menina falou uma coisa, perguntou. E o Hugo foi a única pessoa que eu vi fazer isso naquele momento. Talvez outras pessoas fizeram também, mas naquele momento foi quando eu percebi. A menina falou: tá, mas o que é palhaço? E aí o Hugo falou assim – alguma coisa assim; vou tentar lembrar – olha: dentro do nosso tempo de vida, dentro da nossa esfera biológica, que nós estamos aqui, neste momento, não vale à pena nem um pouco sequer, eu tentar definir algo que sempre existiu ou existe como a comédia, através da expressão da nossa humanidade. Então, o que quer que seja que eu te diga o que é; não vale à pena pra você e nem pra mim. E aquela foi a melhor, diretamente de Frankfurt. Diretamente de Frankfurt. Carece a melhor definição de palhaço. Porque fala o que é, mas não fala nada.

Orador C: Ah, que ótimo. Eu não lembrava. Eu acho que eu ainda tava bem nessa época.

Hoje ela não teria a menor sapiência do que foi que a atingiu.

Orador B: Exato. Mas aí eu queria só fazer uma coisa assim, tipo, é claro, a gente resolveu falar do filme do palhaço, o filme do Joker. E eu acho que eu, talvez, eu gostaria de estabelecer alguns parâmetros pessoais, que eu enxergo assim, primeiro – antes de qualquer coisa – se você não viu o filme e tem medo de receber spoiler ou descobrir coisas do filme que, talvez, estraguem a sua experiência, nem assista esse episódio. Aliás, nunca assista nada antes de ver o produto artístico, sabe? O produto artístico, ele não precisa ser explicado por outras pessoas. Vai ver o produto puro. Vai lá ver, no máximo você vê o trailer, que ainda, às vezes é feito pelo próprio elenco. Desculpa. Às vezes ainda é feito pela própria produção, às vezes não. Mas consome o produto primeiro. E depois você vai ouvir o que as pessoas estão falando, se você sentir necessidade. Então já fica alertado, que a gente obviamente vai contar o filme aqui, vai falar de coisas do filme. Outro ponto: nós não somos um podcast que vamos ficar narrando a história do filme, te explicando o filme. A gente não tá aqui pra isso. A gente tá aqui pra discutir sobre o palhaço como foi representado nesse filme. Porque nós somos palhaços e somos artistas cênicos. E é pra isso que a gente tá aqui. É um ponto de vista interno, como tem pouquíssimos por aí. Terceiro ponto: a minha percepção é que este filme é sobre um joker, que é um comediante ou o que seria a melhor tradução: um piadista. Que é uma pessoa que trabalha fazendo humor, que tem a ver com o palhaço. Porque humor; fazer humor e o palhaço são coisas mais ou menos na mesma esfera. Mas eles não são a mesma coisa. Não quer dizer que o palhaço faça humor só. Ou que o humor seja palhaço. Uma coisa é uma coisa, outra coisa é outra coisa, embora elas estejam na mesma esfera. Então o cara é um joker. É um piadista, que também trabalha como palhaço em algum momento. E foi representado através das manifestações de filme, HQs e tal, como palhaço. Como máscara de palhaço. Mas ele não é – pra mim, na minha percepção – o personagem, ele não é o palhaço. Ele é um psicótico, psicopata, sei lá, sociopata. Eu não sei exatamente o termo correto, porque eu sei que existe diferença entre um sociopata e um psicopata. Eu não tenho gabarito pra falar. Eu teria que chamar o André. Eu queria que ele tivesse vindo, mas ele não pode vir. Na verdade, a gente não conseguiu chamar ele.

Orador C: Ai, que dó.

Orador B: É. E ele viria justamente pra falar da psicopatia que esse cara tem. E é muito interessante.

Orador C: Sim.

Orador B: Mas a gente não vai ter... quer dizer, a gente vai tentar falar, mas é de leigo. A gente não tem um especialista da área, que é a especialidade do André, que é psicólogo lá dos Dragões de Garagem. Então pra mim, isso é uma representação de um maluco, de um doido, sei lá qual o termo que possa ser usado de forma a não ofendê-lo. É uma pessoa doente, que precisava de assistência e não conseguiu. E o trabalho dele era ser piadista. Ele estava querendo fazer stand-up. Ele estava querendo fazer... o Bruno tá aí. Ele pode nos auxiliar. Eu sei que a origem do Coringa está muito ligada a stand-up mesmo. O cara queria fazer comédia. E aí ele vira essa figura através da mídia também. Então essa é uma figura de

palhaço, que na verdade, sempre foi representado como palhaço. Mas ele não é um palhaço. O Coringa não é um palhaço, como personagem. E eu acho que esse filme é a primeira vez que eu vi nos filmes do Coringa, até então, a primeira vez que o signo do palhaço tá mais presente no personagem do que já esteve nos outros. Porque antes ele só era um maluco ou um bufão que se vestia de palhaço. Ou um doido que estava vestido de palhaço. Dessa vez é a primeira vez que eu vejo a proximidade com o signo do palhaço propriamente. E aí a gente poderia falar do Ronald McDonald, a gente poderia falar do It do Stephen King também, que é uma representação comercial de um palhaço, mas que não é um palhaço. Tipo, ele não é... ele não é um estudo de palhaço. Esse é o primeiro ponto – pelo menos pra mim – que me chama a atenção no filme. Ele – pra mim – é um estudo de palhaçaria sem necessariamente ser sobre palhaço como o I Clowns do Fellini, por exemplo, que é um filme sobre palhaços. O I Clowns, Os Palhaços, que é o filme do Fellini. É sobre palhaços especificamente.

Orador C: Pois é. Aí tu tocou em vários pontos né Gustavo? Uma das questões – dentro do que tu falou – que eu acho que é importante da gente comentar é sobre essa questão do humor. Que o humorismo, ele nem sempre é engraçado. Ele não tá associado propriamente ao riso. Porque o conceito de humor seria alternância de estados e ânimos. Então é por isso que existe sim o bom humor, o mau humor. O que não quer dizer que o mau humor, olhado por um prisma distanciado, não pode ser engraçado né? Ele pode. Então tem muitos aspectos. É por isso que eu acho que até, que as figuras se cruzam né? Nesse sentido o personagem sendo um cara que estudava; que queria ganhar a vida como humorista e tal, eu acho que isso acaba trazendo à tona, em muitos momentos, a linguagem da palhaçaria. Até quando ele tava fazendo aquele serviçozinho comercial, com a placa. Todo o jogo dele de pantomima. É bem dentro da estética da palhaçaria tradicional. Então assim: era um cara... era um artista que fruía com isso tudo. Mas assim, pra mim, acho que o grande lance também vai ser a gente poder falar sobre essa questão dos transtornos mesmo que ele sofre. E que, em dado momento, por ser uma figura extravagante, um excêntrico e tal, demora-se a se perceber como esses... essas histórias vão se acumulando dentro da sua trajetória e quando elas explodem né? E aí você tem a virada que ressignifica essa figura. Mas sim, de fato o – que eu não gostaria de chamá-lo assim – o vilão Coringa, ele não é, ele não representa o estudo da palhaçaria não, nada disso. Mas eu acho que ele traz à tona o perigo que pode ser a descompensação de uma figura tão livre e que já perdeu pra essa humanidade aí. Ele já é a escória, ele já é à margem. E o quanto ele pode ser perigoso quando ele se atenta sobre isso. Quando ele perde a conexão com aquilo que o conecta com o humano né?

Orador B: É. Porque o Heath Ledger, por exemplo, fez o Coringa de uma forma brilhante também, uma interpretação maravilhosa...

Orador C: Brilhante.

Orador B: Mas não tinha... mas não tinha essa... por causa do filme mesmo, a questão da própria história do roteiro e tal.

Orador C: Sim.

Orador B: Você não tinha uma profundidade na dor daquele personagem. Você só enxergava

ele atuando como aquele personagem, que era como um cachorro louco né? E desse, a gente teve a chance de acompanhar esse personagem na esfera pública...

Orador C: O desenvolvimento né?

Orador B: É. Na esfera pública e na esfera civil, tipo, quando ele está de máscara para o público e tentando se ajustar, tanto de um quanto o outro. Então eu achei que, por isso que eu digo: eu acho que é a primeira vez – pelo menos que eu me lembre – que o Coringa foi retratado mais perto do palhaço, do que apenas o terrorista...

Orador C: Exatamente.

Orador B: Maluco, que se vestia de palhaço.

Orador C: Certamente. Isso com certeza. E apesar de que assim, o Heath maravilhoso, aquela coisa. Mas ele já era né, o Coringa.

Orador B: É. Exato.

Orador C: O palhaço terrorista né?

Orador B: É.

Orador C: Ele tinha... agora, você ver o desenvolvimento dessa figura até o momento em que ele ganha toda a publicidade que ganha e tal. É muito incrível. E só um cara como o Joaquin Phoenix, velho, pra dar conta de tanta diversidade na sua capacidade de interpretação.

Orador D: Eu... eu queria trazer umas coisas aí que eu observei sobre essa história. Primeiramente, acho que... que esse retrato do palhaço no Coringa, ele... primeiro: ele tá realmente em ação como muitos dos palhaços profissionalmente na vida. Que são palhaços profissionais que estiveram. E se não estiveram, não viveram a metade do rolê. Não entenderam metade da parada, que é fazendo esse tipo de sub-trabalho sim. E dentro deles, inclusive trabalhos de repertório das histórias dos palhaços, que são divulgações; divulgações em shoppings, isso tá na minha história, tá na história de vários outros palhaços que eu conheço.

Orador B: Festa né?

Orador D: A própria palhaçaria dentro do hospital.

Orador B: Festa infantil.

Orador D: O palhaço... festa infantil. Vários rolês que são típicos de palhaços mesmo.

Orador B: Exato.

Orador D: Né? E ele trabalha ali numa central de palhaços, que estão ali disponíveis pra fazer essa função né? Então eu acho que isso é uma proximidade muito forte, independente da... da... e aí nessa hora que tem uma distância mesmo, sobre essa coisa da piada. Porque ele, na função dele, tanto fazendo a divulgação na rua, quanto brincando no hospital, ele tá

absolutamente exercendo a função de palhaço. Mesmo. Se ele tá sendo engraçado ou não engraçado. Ele tá em função. Ele tá trabalhando. E ele tá defendendo aquilo, como todos nós. Já estivemos em situações absolutamente vexatórias para o resto da humanidade e pra nós é só mais um job, né? Assim, é só mais um lugar de extravasar a nossa liberdade de ser e de estar dentro dessa máscara né e tal. Agora, tem uma... uma... uma coisa que eu acho que é muito forte. É porque a gente enquanto pessoas... e isso eu acho um hiato, um intervalo, uma... não é um intervalo. Uma ponte. Um intervalo não, uma ponte muito poderosa entre a palhaçaria e a própria condição dele, do ator, do intérprete, do ator palhaço, do personagem Coringa, sem a máscara. Que é a gente enquanto palhaçaria, enquanto palhaços; constrói a... a... a poética do desajuste. A poética do desajustado. Ele é o desajuste. Ele é o desajustado encarnado né? Ele está. A gente, talvez, se os nossos palhaços né – falando com esse distanciamento, que eu também detesto – os nossos palhaços tomassem de conta da nossa vida, talvez a gente estivesse fazendo coisas muito parecidas. Assim, em termos de... de desacatar, de... de... até ser violento. De várias coisas. Então tem um espectro aí muito forte pra mim, entre essa... essa questão do... do palhaço conceitualmente, o que a gente lê como poética, o que a gente assume como poética. A poética do perdedor, a poética do desajustado. E ele, que na verdade traz isso exatamente pra vida dele né? Traz isso não. Ele é um cara desajustado. Ele é um perdedor...

Orador B: Perfeito.

Orador D: Ele é um loser. Ele é.

Orador B: Sim. É.

Orador D: Ele é. Mesmo sem a máscara. Ele já está.

Orador B: Exato. Têm muitas cenas icônicas que a gente poderia ficar citando e citando. A Flávia está colocando, tipo, exemplificando. Eu acho interessante você ter os dois momentos bem separados né? A hora que ele tá no hospital, fazendo um clichê de palhaço, com o dedinho. O dedão no sovaco. Bem clichê. O movimento bem clichê. E aí a arma cai no chão. E aí ele vai se abaixar e chuta a arma e depois pega e dá um gritinho...

Orador D: Sim.

Orador B: E depois pega a arma e faz: psiu. Aquilo é bem claro, tipo, o cara tá interpretando uma ideia. Mas ao mesmo tempo, aquilo faz parte da realidade do civil. Porque ele é daquele jeito desajustado, descapacitado, enfim. E paralelo a essa mesma cena é uma cena super triste. Que ele tá sentado do lado de fora do hospital, em que ele vai se levantar e aí...

Orador D: Isso.

Orador B: E aí é importante, porque o cara fala: por que você levou a arma pro hospital? Aí ele falou: eu sou um clown party. Eu sou um palhaço de festas. Aquilo fazia parte do meu número. Ele: então por que você foi demitido? Ele: porque eu não era engraçado o suficiente.

Orador D: Isso.

Orador B: E aí ele se levanta – enfim, fala mais um pouco do diálogo – ele se levanta e dá de cara com a porta fechada.

Orador D: Gags né cara?

Orador B: Aquilo ali eu morri de rir e chorar ao mesmo tempo. Porque assim...

Orador C: Sim.

Orador D: Sim.

Orador B: Porque o cara é um perdedor. E aquilo não é uma cena engraçada. Eu ria. Porque eu entendo que é bem típico do palhaço esse tipo de elemento. Mas...

Orador C: Esse lugar.

Orador B: Mas ao mesmo tempo é o cara civil sendo o palhaço, sabe? Tipo, aquilo ele tá vivendo cara. Enfim, eu fiquei arrasado.

Orador D: Sim. As gags, tanto a de chutar a arma...

Orador B: Ahã. Claro.

Orador D: Gags mesmo.

Orador B: Claro.

Orador D: Gags de palhaçaria. Chapar a cara no vidro né?

Orador B: Isso.

Orador D: Coisas muito clássicas né?

Orador C: Não. É que nem quando a mãe dele fala. Ele: não mãe, não se preocupa com grana, com nada. O meu número de stand-up tá crescendo. Diz que tem capacidade pra lotar os grandes pubs. E aí a mãe muito... também estudou em Frankfurt. Fala: ué, mas pra ser comediante não tem que ser engraçado?

Orador B: Cara, isso foi cruel. É cruel cara. É cruel.

Orador C: É cruel.

Orador D: É cruel.

Orador C: São os momentos que a gente ri e chora por dentro.

Orador D: É.

Orador B: É. Agora, um momento importante pra todos nós. Assim: eu tava participando ontem. Eu gravei com o pessoal do Cinem(ação). Fica aqui o convite pra ouvir o episódio do Cinem(ação). Eu não lembro o número agora, mas eu vou deixar linkado. Que eu participei



junto com o Henrique Rizzato – eu acho que é o nome; desculpa Henrique, eu não me lembro agora seu sobrenome – nós fomos os dois convidados do episódio. O Henrique é um bom conhecedor da HQ e do Coringa. Tipo, ele foi lá como especialista de quadrinhos. E eu fui convidado como o palhaço, para falar sobre palhaço. E aí eles me fizeram uma pergunta muito interessante, que eu queria botar de volta pra vocês aqui. Ele falou assim: essa relação do nariz – porque eles não sabiam muito; quase nada dessa linguagem – então, essa relação do nariz? Por que têm palhaços que usam nariz gigante e palhaços que usam nariz pequeno? E por que o nariz está atrelado a essa imagem de criança? Tipo: foi essa a pergunta. E eu pensei: cara olha o lugar que a gente precisa ir para falar sobre o palhaço e a criança e tal. Então, levando isso em consideração na nossa cabeça, eu queria perguntar pra vocês da Mesa: pra uma pessoa que não sabe nada, que pra cabeça dela: eu não gosto de palhaço porque eu tenho medo. Toda vez que eu fui ver o It, ou sei lá, eu vejo Patati Patatá, eu vejo e eu fico com medo. Eu acho bizarro. O que seria então...

Orador C: Eu também cara. Eu tenho pesadelo.

Orador B: O que seria então? Qual é a diferença entre um palhaço e um ator? Uma atriz e uma palhaça? O que é essa coisa do palhaço, de forma simples? Para uma pessoa que não sabe nada disso?

Orador D: É bem difícil. Porque essa imagem né, do palhaço, ela já foi tão... ela é tão... tão usada – como você colocou no começo do programa né? – tão usada de várias maneiras, que fica até às vezes complexo explicar. Dá realmente um certo desalento. Dá vontade de só marcar as pessoas para verem algumas coisas pra ver se elas mesmas deduzem...

Orador B: Ah, olha só.

Orador D: O que é. Então assim: veja esses palhaços e veja qual é a diferença entre o Ronald McDonald e isso, sabe?

Orador B: Sim.

Orador D: Porque é tão... é tão delicado. A questão dos... dos... é uma coisa que eu tenho me questionado muito também, nessa última gira de palhaçaria também. É uma coisa que eu venho questionando muito sobre isso. Porque são tantos conceitos engendrados em cima dessa perspectiva da máscara. Essa coisa do nariz vermelho como a menor máscara do mundo né? Tem esse olhar sobre essa máscara, que é a máscara que então não esconde. É a máscara que revela. Que revela o quê? Né? Revela o seu... as suas fragilidades? Revela a fragi... em termos de poética. Isso que tem uma complicação.

Orador B: Isso.

Orador D: Né? Porque não deixa de ser atuação. São pessoas em cena.

Orador C: Claro.

Orador D: São pessoas usando tecnologias da cena. Só que o que se acessa é aquilo... se inspira ou se trabalha com aquilo que se tem originalmente, como o que é mais patético do

seu temperamento.

Orador C: Perfeito.

Orador D: Com o que é mais esdrúxulo. Com o que te dá vergonha. Com o que é ridículo.

Orador B: Sim.

Orador D: Com o que... porque esse é o lugar que supostamente te faz encontrar, que te faz criar diálogo com... com... com a criança. Porque para um adulto, isso tudo é ser patético. E pra uma criança é sobre ser criança.

Orador B: É só sobre ser humano, na verdade.

Orador D: É só sobre ser criança. É um humano criança.

Orador B: É. É.

Orador D: E ao mesmo tempo, na vida adulta também trazer todas essas referências. Não é sobre fazer uma criança.

Orador C: Perfeito.

Orador D: Né? Então são muitas camadas de... de... de.. de falas sobre isso. Alguns narizes são pequenos, outros narizes grandes. Como os nossos narizes.

Orador C: Exato.

Orador D: São uns pequenos, outros grandes, uns bonitos, outros menos, uns terríveis, outros nem têm. Então assim...

Orador C: Não. E assim cara, isso que a Ana tá falando é muito legal, no sentido de que é... quando a gente fala: uma máscara que vem para revelar. Mas revelar o que a gente poderia chamar – segundo lá o Henri Bergson – de desvio fundamental ou desvios fundamentais. Que é tudo aquilo que a gente é treinado para não demonstrar ou ser perante a sociedade. E quando você está com essa máscara você tem toda a liberdade para vir a ser essa figura né? Além dos aspectos... é... que também lhe são marcantes enquanto pessoa. Então, quando você vai fazer um estudo sobre o figurino, sobre a maquiagem né, do palhaço. Você vai ver que é para ressaltar esses aspectos que seriam marcantes quando você visse o Hugo Leonardo ou a Ana Flávia. Então, esse estudo é pra ressaltar mais uma vez aquilo que normalmente a gente é treinado pra que né, passe despercebível e...

Orador D: Sim. E sempre pensando que isso só está par em relação a alguma coisa. Isso que é o oculto de nós, isso que é o ridículo de nós, isso que é considerado patético de nós. Isso só está em relação à sociedade que a gente vive.

Orador B: Exato.

Orador D: Só é dessa maneira porque assim, só funciona dentro dessa perspectiva, que eu até usaria dizer ocidental, sabe? Tem um recorte social também, que faz com que essa

personalidade se destaque nesse nível de desajuste.

Orador C: Exato

Orador D: Porque é uma coisa cultural também. O que é considerado o que é ser o desajustado. O que é trazer essa liberdade do brincar para uma sociedade que valoriza extremamente o que é sério.

Orador B: Isso.

Orador D: Agora vamos falar sério. Esse é um profissional sério. Tem toda uma valoração sobre o sério. Tem todo um rechaçamento sobre o que é riso e o que é risível.

Orador C: Exato. Uma diminuição...

Orador D: Como coisas que não têm... que não tem potência, que não tem...

Orador C: Perfeito...

Orador D: Importância né?

Orador C: Perfeito. Uma diminuição do riso.

Orador D: Isso. E aí por isso, essas coisas são... tem essa força. Porque elas representam essa transgressão. A transgressão de poder falar como quer. A transgressão de se colocar em um lugar de tanta... de tanta... vou usar uma aspa aqui, agora: de tanta desvalorização social, ao ponto de você poder falar qualquer coisa pras pessoas. Porque você já transgrediu a cortesia cotidiana. A ética cotidiana né? Eu não vou nem falar a ética. A cortesia mesmo. Essa cortesia que foi criada...

Orador B: É. Tá mais na questão da moral...

Orador D: Que foi criada pra... pra... fazer a gente se calar mesmo né?

Orador B: Perfeito.

Orador D: Pra parecer bem-educados e tudo mais.

Orador B: Exato.

Orador D: Mas é sempre em relação ao contexto social. E aí, isso no Coringa, isso é muito louco. Porque você trouxe a questão das camadas. Porra é toda essa camada né? Da jornada desse cara que é um desajustado. Ele é a própria piada. A piada ruim. A piada que não dá certo.

Orador C: Exato. Exato.

Orador D: Ele não é a piada que ele tá produzindo. Ele é uma piada tentando produzir piadas. Sabe? Assim, é de uma carga dramática. É profundamente triste. E... e violento né? Aquela pessoa que ri de tudo que ninguém ri. E tudo o que ele não ri é o que as pessoas riem.

Orador C: Ahãm. Ahãm.

Orador D: Né? Então tem um entendimento truncado. E ao mesmo tempo tem uma camada social acontecendo. Tem uma camada política em Gotham que tá acontecendo. Que o pau tá quebrando. As pessoas já estão gritando: morte aos ricos na rua. Sabe assim? Então só essas duas camadas, que são as mais óbvias do filme né, já... já denotam aí onde vão acontecer os encontros. Não é como se o Coringa em qualquer condição social ou política...

Orador C: Pois é...

Orador D: Tivesse... é... a mesma potência. Existe um caos instaurado. Ele é um estopim. Ele... ele é uma... ele faz parte daquela explosão que a cidade está... que Gotham tá vivendo né? Não é um... ele startou então o caos. Não, não. O caos já está. Os ratos estão na rua. O pau tá quebrando. As pessoas estão... tá tipo né? Então...

Orador C: Olha só: se isso não é camada, Pedro Estrada me diz o que é? Chupa Brasil. Cara, isso me lembrou até uma música que eu gosto muito. A Ana Flávia sabe que eu sempre falo dessa música, chamada Complexo de Épico. Complexo de Épico, do... como é o nome, amiga, que eu adoro? Do Tom Zé. Que ele vai falar né, que todo compositor brasileiro é um complexado e tal. Porque essa mania de amar tão sério, de falar tão sério, de ser muito sério e sorrir tão sério. Vai ser sério assim lá no inferno. Cara, viva Tom Zé. Porque é essa subjugação do riso e do próprio humor é uma parada muito escrota também, como se a gente, por meio do humorismo não falasse de dores profundas sabe? Só que o nosso olhar é que vai levar ele pra ironia, pra um outro lugar. E isso não é menor, não é pior né? Então eu já falo isso e a minha bochecha já ferve. Pedro Estrada; desculpa.

Orador B: E tem uma coisa muito interessante que a Ana tava colocando. E eu realmente fico... bom, quando me perguntam e quando a gente tá falando sobre coisas de palhaço, eu sempre... eu, talvez, não sei. Talvez pelo entendimento de que isso pode ser muito complexo e abstrato. E o meu interesse é que a pessoa saia: ah, eu entendi. Vou procurar então pra saber mais. Eu sempre coloco que é como se fosse... é um artista cênico, que se diferencia da interpretação teatral ou interpretação cênica de personagem, quando ele assume não um personagem externo para criar seus elementos, para criar então esse personagem. Mas sim, usa elementos internos, pessoais, completamente civis, coisas dele mesmo, totalmente individual.

Orador D: Exato. Perfeito.

Orador B: Para criar então uma persona ou criar então um código de coisas. E essas coisas elas não – como a sua vida tá baseada em você também – essas coisas, elas não têm um futuro. Elas só têm um passado e um presente, digamos. Porque quando você... mesmo que você traga elementos pessoais, de personagem do Romeu e Julieta. O Romeu e Julieta têm um futuro. Você sabe o que vai acontecer com eles ao final do espetáculo. Você pode pegar e ler. E você vai saber. Porque está escrito. A história desse personagem já está escrita até o final. E o palhaço...

Orador C: Ele não morreu?

Orador B: E o palhaço... o palhaço, ele não vai ter esse desenho futuro. Ele só desenho do que foi, do que ele era até aquele momento que você está assistindo. E o momento da assistida. E todo o futuro é a própria vida que acontece. É claro que o teatro também tem esses elementos de improviso ou elementos do não saber o futuro. Mas o palhaço é calcado nisso. Essa é uma diferença bem básica.

Orador C: Sim.

Orador B: Só que ao mesmo tempo ele é também calcado nesse lance dos layers individual. É porque é você fingindo ser uma coisa que você supostamente esconderia. Mas você mostra. Só que ao mesmo tempo, você dá uma roupagem suficiente pra ficar protegido ao ponto de não ser terapêutico e ao mesmo tempo, ser absolutamente terapêutico né? Porque você ao se descobrir coisas que, sei lá, tipo: eu morria de ter vergonha de ter as pernas finas quando eu era adolescente. Morria de vergonha. Era uma coisa que eu tinha vergonha pessoal. E aí, quando eu fui começar a trabalhar com coisas de palhaço, a primeira coisa que eu fazia era mostrar as pernas. Porque era uma coisa de me aceitar com perna fina. Até o ponto de eu, na verdade, não achar as minhas pernas finas. Sabe?

Orador C: Mas não estavam mais mesmo não.

Orador B: Pois é.

Orador C: Já foi pior. Mas quando a gente supera é... falando é dessa liberdade.

Orador B: Isso. Isso.

Orador C: Aquilo que a Ana tava falando: já não dói mais na gente.

Orador B: Exato. E essa liberdade...

Orador C: Assim, é quase alguém vir querer te ofender com uma parada e você falar: ô irmão, me fala uma coisa que eu não sei porra,

Orador B: É. Exato. E aí depois tem uma questão muito interessante...

Orador C: Por que...

Orador B: No filme. Porque eles até usam essa grande referência que o Hugo tava falando também. No filme eles usam o Charles Chaplin não só na música – porque uma das músicas temáticas do filme foi composta pelo Charles Chaplin – e aí o Charles Chaplin foi citado no filme várias vezes, assim, em termos de frame, em termos de posição de câmera, em termos de temática. E até aparecendo a cara dele lá no teatro. Tipo, porque ele é uma grande referência de palhaço para quase todas as pessoas que estudam. Hoje, se for entrar numa escola de palhaçaria e começar a introdução ao clown não sei o quê. Você vai acabar caindo no Charles Chaplin em algum momento. Porque é acessível, é fácil e tal. E ele representa também essas coisas todas. Aí tem uma cena no Tempos Modernos que é muito crucial para explicar aquela história. E aí, eu vou tentar lincar uma coisa que o Hugo estava colocando ali. Olha só que legal. No Tempos Modernos tem uma cena, que é a cena em que ele é expulso da

fábrica, logo no início. Que ele sai meio louco. Não sei se vocês lembram dessa cena? Ele sai louco, apertando parafuso e doido, não sei o quê. Aí ele vai andando na rua. E aí passa um carro que tá carregando vidro. E aí eles botaram uma bandeira atrás pra avisar né, que o vidro tá um pouco além da caçamba, sabe? Aquelas bandeirinhas, aquele papel. E aí o carro passa por um buraquinho, sei lá, e a bandeira cai. E aí o Charles Chaplin, como o palhaço que é, o Carlitos, tipo, corre pra ajudar e pega a bandeira. E começa a correr e a acenar a bandeira, avisando pro caminhão. Tipo: ei, a bandeira caiu. Volta. E aí na hora que ele cruza a esquina, atrás dele tá tendo uma manifestação de gente, políticas contra o governo, com a mesma cor de bandeira. E aí ele começa tipo, a ser o líder da manifestação, só que ele nem sabe que tem gente atrás dele, manifestando. E aí a polícia chega e começa a bater em todo mundo e prende ele. Sabe? Que ele nem sabe...

Orador C: Baderneiro né?

Orador B: Tipo, ele nem sabia. Ele nem era o cara. Tipo, isso é muito clássico. É muito clássico do cara que tá no lugar errado e que ele é essa figura. Só que no caso do Carlitos, ele é uma representação desse palhaço absolutamente afetado, representativo, interpretativo. E no filme do Joker a cena que eu acho muito icônica – que eu já citei aqui – que é quando o policial fala pra ele. É uma entrevista com o policial. Os policiais estão lá fora, no hospital falando: a gente tem algumas perguntas. E tal. Então pra mim é uma citação a essas cenas do Carlitos até. E ele fala: esse negócio que você... a gente ganhou o seu cartão – o policial fala – a gente ganhou o seu cartão aqui, achou o seu cartão dizendo que você tem essa condição. Isso aí não é coisa de palhaço não? Isso aí não é só uma coisa de palhaço? Aí ele volta e fala...

Orador C: Sobre o transtorno que ele tem né, do riso incontrolável.

Orador B: Ele fala. A clown tem? Você acha que eu inventei isso? você acha que eu tenho essa condição de inventar essa coisa? Ah, me poupa. Aí se vira e dá de cara. Paf. Eu não sou engraçado. E paf. Dá de cara com a porta. Eu fiquei: cara olha só que fantástico. O cara é aquela figura. E quando ele está na TV já, lá no final, nas últimas cenas.

Orador C: Sim.

Orador B: O entrevistador pergunta: e essa máscara? Isso é uma questão política? É uma coisa política? E ele fala: eu tenho cara de um palhaço que vai fazer algum movimento político Murray? E eu lá tenho cara? E superafetado né? Super interpretativo.

Orador C: É muito doido.

Orador B: Fingindo até. E fingindo, porque eu entendo essa cena...

Orador D: Sim. Manipulação.

Orador B: Como se ele estivesse atuando. Ele está manipulando aquele personagem, cara. Exatamente.

Orador C: Não, total. E na verdade, eu acho que é o primeiro momento assim, de grande

consciência, de falar: quê? Pera lá. Então... e que é o que mostra o perigo né, que pode ser isso tudo. Porque realmente cara é... as camadas né, que o filme traz são muito intensas. Quando ele faz a primeira projeção, que ele tá lá cuidando da mãe e ele entra no universo do... do talk-show pela primeira vez e tal. E sim como uma pessoa que riu desajustadamente, inclusive; e isso chamou a atenção do apresentador. E eles têm aquela relação quase que paterna, na imaginação dele.

Orador B: É. É.

Orador C: Para ele chegar naquele nível, ele teve que quebrar tantas concepções, inclusive de compreender a maldade daquele escroto. A maldade, uma pessoa maléfica mesmo, cruel, escrota. Que faz uso do outro. É quase assim: você sofrer ataques de body shaming sabe? Você pega um proble...

Orador B: Tipo Sílvio Santos.

Orador C: É. É. Para você poder expor o outro e isso lhe favorecer em termos de Ibope e foda-se o gambá. O que você tá fazendo com o outro, se é íntegro, se é idôneo né?

Orador B: Ahã.

Orador C: Que aí quando a gente chega na cena lá que ele tá realmente interpretando e manipulando essa situação, você tá totalmente com ele.

Orador B: Exato.

Orador C: Eu não sei vocês, mas quando rolaram os tiros eu tava... eu tava assim: toma. Maluco do meu cu, desesperado, eu confesso...

Orador B: Mas é engraçado. Eu não tive. Eu não tive essa coisa. Eu assim, pessoalmente, pra mim. Eu não sei se a gente pode falar... talvez seja legal vocês falarem de coisas icônicas no filme, que tocaram pra vocês e por quê? Pra mim, a cena que mais me tocou – são várias – uma cena que me tocou mesmo, que foi onde eu chorei e fiquei desesperado é quando ele ensaia que vai apresentar no programa, que ele liga a TV e corre pra cortina e na hora que na TV começa, ele entra e ele vai fazendo a cena. Cara, aquilo pra mim me matou. Porque eu fiz muitas vezes isso. Tipo: eu já participei muito do programa do Jô Soares. Eu já fiz várias vezes. Eu fui entrevistado pelo Jô Soares. Tipo sabe? Eu já ganhei Oscar. Eu já fiz várias dessas coisas de fingir que você está naquele lugar.

Orador C: Já ganhou o Oscar?

Orador B: Já. Já ganhei. Já fiz discurso de Oscar.

Orador D: Ah, eu vou fazer isso.

Orador B: Tipo, eu já fiz muito aquilo. Então aquilo me tocou assim, tipo, o cara tá fazendo o que eu fazia pra realizar coisas que eu não conseguia. Porque eu não consegui chegar num nível de ser entrevistado pelo Jô Soares, na minha cabeça, naquele momento. E aquilo foi

assim. E aí no final ele se senta na cadeira e fica todo desconfortável pra começar a fala e tal. E depois ele se mata né? Porque ele pega o revólver e dá um tiro. E aí as pessoas aplaudem.

Orador C: Sim, sim.

Orador B: Aquilo pra mim me devastou muito assim. Eu fiquei muito... eu não sei nem explicar muito o porquê. Mas aí então, por causa desse momento, eu realmente fiquei esperando que ele se matasse no final, que ele conseguisse executar a cena que ele planejou. Porque na hora que ele vai pro programa de verdade, eu realmente queria que ele tivesse se matado naquele momento sabe? Eu fiquei pensando: é agora que vai ser? Não que eu queria no sentido de desejo.

Orador D: Sim.

Orador B: No sentido de esperança. Eu tava esperando que ele...

Orador C: Esperou mesmo. Ele...

Orador B: Eu tava esperando realmente.

Orador C: Ele criou essa expectativa.

Orador B: Eu falei: cara, se ele se matar vai ser um filme tão... tão pra baixo. Vai ser um filme tão pesado, que eu nem sei se... caraca, eu nem sei o que eu vou fazer com isso. Então eu ficava ao mesmo tempo com medo, tipo: não se mata, porque eu não sei se esse signo vai ser legal pra mim, assim, você pegar o palhaço e matar. Porque eu já fiz um espetáculo que a gente matava o palhaço. E eu ficava naquela mesma coisa assim. Mas ao mesmo tempo eu fiquei assim: poxa, ia ser tão legal se fosse essa coragem e essa loucura de matar o palhaço, ele mesmo se suicidar e o filme acabar meio ali. Sabe assim? Sei lá. Aí eu fiquei com essa coisa. Pra mim foi meio: ah... mas ao mesmo tempo, achei superinteressante, que quando ele vai pra TV, ele faz uma coisa totalmente diferente, ele domina o poder. Ele tá totalmente... ele dança. Tipo, ele...

Orador D: A entrada dele...

Orador B: É.

Orador D: Maravilhosa.

Orador B: Maravilhosa. Por que aí ele tá totalmente no poder.

Orador C: Você fala dos momentos de emoção, cara. Mas realmente, ele dançando velho. A corporeidade da loucura tá dentro daquilo tudo ali, cara. Que eu às vezes fico pensando: será que um bailarino, que sim, compõem também um personagem ao dançar e tal. Chega nesse nível técnico de... cara, porque é torto e é incrível. É... nossa... é maravilhoso.

Orador D: Mas eu acho que não é sobre nível técnico. É nível poético.

Orador C: É. Poético mesmo. Exato...



Orador D: É um contexto...

Orador C: Mas é porque ele tem tudo né? Ele tem a técnica, ele tem... nossa...

Orador D: Sim. Mas é a pira. É o conjunto dos fatores todos né?

Orador C: Exatamente. Mas é disso que eu estou falando. É um nível de... é uma camada de interpretação tão profunda...

Orador D: É.

Orador B: Que é bem visceral. Na verdade, ele... ele começa a dançar meio sem querer. Tipo, o corpo dança antes dele dançar. É como se fosse isso. Até porque é o pé dele dobrando, quando você... depois que ele tá no banheiro é o pezinho que começa. É como se ele tipo: meu corpo tá fazendo uma coisa. Aí ele entra nisso.

Orador D: Quando eu vi a primeira – a primeira dança – eu construí uma fantasia na minha mente, que foi algum momento que o diretor falou pra ele reagir como ele quisesse, naquele momento.

Orador B: Ahã.

Orador D: Sabe? E aí eu só enxergava o brilhantismo mesmo do ator, trazendo realmente uma coisa inesperada.

Orador B: Ahã.

Orador D: Como se na minha poesia, na minha narrativa pessoal, o ator que trouxe aquele elemento da dança...

Orador B: Perfeito.

Orador D: Que não tava previsto e que surpreendeu todo mundo no set, que foi uma comoção. E que foi uma coisa incrível. Porque me cheira muito a uma genialidade de quem tá muito profundamente num processo, sabe?

Orador B: Sim.

Orador D: Essa coisa dele não ter se matado. Na verdade, tinha essa expectativa. Mas eu também construí uma conexão. Eu não poderia lidar com o fato dele se matar sem apresentar... sem... sem ainda... e o Batman, minha gente? Como assim? O Batman ainda era um moleque, mijando na calça ainda, quando ele já é... tipo...

Orador C: Tem vários Coringas na HQ. Eu acho que o Brunão... inclusive o Brunão chegou aqui no estúdio.

Orador D: Opa, uhu.

Orador F: Então, vocês estavam falando da cena dele no banheiro, dele fazendo a dança.

Orador C: Isso. Depois dos assassinatos.

Orador F: Isso. Depois dos assassinatos lá no metrô. E eu andei dando uma pesquisada sobre o filme e tal, porque eu ia falar lá no [inint] [00:45:14] e descobri que essa cena ia ser – no roteiro – ela ia ser normal. Ele ia chegar no banheiro, ia se lavar, ia esconder a arma. Meio O Poderoso Chefão sabe? Um negócio meio, tipo, do cara se lavar mesmo e sumir com a arma. Se acalmar e sair do banheiro. E aí o Joaquin quando foi filmar a cena junto com o Todd Phillips falou: cara, isso aqui tá errado. O Arthur não ia fazer isso. Porque o Arthur tem uma doença mental já. E ele já tá ali naquele processo. Aquele é o primeiro “basta” dele né? Ele já vinha sendo humilhado ali a vida toda. E aquele é o primeiro “basta” dele. Então aquele é o primeiro momento em que ele realmente se liberta. Então eles ficaram por três horas ali dentro do banheiro conversando. E chegaram ao ponto em que o diretor falou: cara, eu tô com um trecho aqui da trilha, que a compositora me mandou. Você não quer ouvir? E eles botaram lá pra escutar. E a trilha fantástica, sensacional, de arrepiar. E aí o Joaquin falou: cara, vamos... liga a câmera aí. E aí fizeram aquela cena maravilhosa dele dançando.

Orador C: Ah cara...

Orador D: Olha. Genial...

Orador C: Porque quando aquilo começou...

Orador D: Muito visceral.

Orador C: Eu fiquei tão transtornado com aquela expressividade toda. Como aquilo fala sem dizer. Como o corpo, ele pode chegar em outros lugares e... e como um ator tão incrível consegue esse tipo de comunicação.

Orador B: E marca. E marca o signo do filme. Porque aí depois desse momento...

Orador D: Total. Total.

Orador B: Porque aí toda vez que ele mata alguém, ele dança depois. E aí fica meio que um diálogo.

Orador D: E é libertador.

Orador B: É. Ele mata e dança. Mata e dança.

Orador C: Até depois, quando ele é resgatado pelo caminhão né, quando ele tá sendo levado pra polícia e tal. E tiram ele. Quando ele acorda e volta, aquela subida é daquele corpo que construía a pré expressividade da dança. É muito incrível velho. É libertador. É desesperador. Porque... porque a gente fica muito encantando com essa capacidade de... com esse lugar...

Orador B: Mas Ana... mas Ana, você tava falando do lance da morte. Você acha que seria... assim: você não queria mexer? Vamos supor: se você tivesse a oportunidade de mexer no filme. Vamos imaginar. Um movimento de imaginação absoluta aqui tá? Um movimento de imaginação. Sei lá. Você tem uma possibilidade de chegar lá e dar um toque no diretor, olha:

mexe assim, mexe assado. Você não... você acha que a morte dele no final não seria uma boa ideia?

Orador D: Eu acho que não seria uma boa ideia. Pra mim era muito importante que triunfasse esse... essa personalidade. Era muito fundamental. Eu ficava putaça se você matasse no final. Eu ia ficar putaça. Não só triste. Puta mesmo.

Orador B: Ahã.

Orador D: Porque tem muita história. O Hugo tá falando, a coisa: ah, têm vários Coringas e tal. Mas pra... pra... pra mim que sei lhufas que têm vários Coringas, eu já conecto vários discursos. O Coringa do Cavaleiro das Trevas é maravilhoso. E ele conta histórias variadas, que qualquer uma pode ser a verdade ou não. E pra mim, me conecta absolutamente com essa personalidade e tal. Sabe, tipo assim: foda-se.

Orador C: O lance da cicatriz da boca né?

Orador D: Ele conta milhões de coisas. Ele inventa... eu sou a piada. Eu faço as piadas. Eu mesmo rio. Eu mesmo faço.

Orador C: E vai ser o que é conveniente pra mim né?

Orador D: É uma personalidade muito fundamental. Como uma personalidade opositora a um monte de sistemas, porque ainda tem uma... uma outra camada que é a camada pai do Batman que é... é um... um... reaçã cabuloso de merda.

Orador B: Ahã. É.

Orador D: Sabe? E é muito importante. Nessa hora, ele passa a representar uma fúria que diz de mim...

Orador C: Total.

Orador D: Eu quero ser... eu quero ser o Coringa nessa hora. Eu quero...

Orador C: Todos nós – eu acho – nesse momento.

Orador D: Aí quando acontece a sabotagem, o golpe lá, o momento que eles... que eles emboscam os pais do Batman, pela primeira vez eu entendo aquilo. E falo: eita porra. Toma.

Orador B: Ahã.

Orador D: Sabe assim? Então assim: têm muitas representatividades. Por isso que assim: eu saí fazendo os nossos vídeos, falando que a gente tinha ido assistir e tudo e marcando: muito perigoso. É muito perigosíssimo. Eu só saía com essa sensação na minha mente: o quanto é perigoso – não no sentido de: perigoso. Não faça. No sentido só de constatação – o perigo que é esse discurso e essa carga de reação muito passional e muito forte que o filme traz. É muito perigoso no sentido de... de alimentar e nutrir em nós uma coisa que a sociedade trabalhou muito duro pra... pra aplacar em nós. Sabe?

Orador B: Ahã. Perfeito.

Orador D: Ainda... e nós, principalmente nós dentro da nossa... do nosso sistema classe média branca, privilegiada, ta-ra-ra. Porque em outros setores, em outras galeras, essa fúria já está.

Orador B: Sim.

Orador D: E já está. Isso já acontece. Morte aos ricos já está. Porque as pessoas já estão sendo mortas também. Então assim...

Orador B: Sim.

Orador D: Esfrega na nossa cara dentro dum shopping, num lugar absolutamente privilegiado, numa sessão ultra mega secreta, com celular lacrado da Warner e a porra toda, que a gente... que isso... porque cara... isso é uma coisa possível, plausível. É um... é um tiro muito... é uma... é uma porrada muito potente, muito perigosa assim né?

Orador C: Então assim: ele morrer seria uma escolha ruim, na nossa opinião.

Orador B: Ahã. Entendi. É uma coisa que eu não gostei pessoalmente do filme. E que eu entendo por que que exista. Não atrapalha. Não fica ruim. Tem que acabar. Na-na-na. Não é polarizado não. É só assim, que foi uma coisinha que eu falei: poxa, não ter, pra atingir mais graus de perfeições ainda. Que é assim: que as cenas finais faz muita referência ao Batman. Batman mesmo. Ao garoto no beco. A mãe no beco. E a última cena praticamente, que é quando ele tá lá, já em outra fotografia, já em outro momento, rindo de verdade dentro do manicômio lá né? Ele começa a rir e aí ele: ah, eu lembrei de uma piada. E aí a gente tem um corte de uma inserção de um take do Batman no coisa. E eu achei aquilo um pouco... é óbvio que eu entendo que é um serviço ao Batman. Mas às vezes eu fico pensando: poxa, mas não precisa a gente ficar sempre ovacionando o Batman, esse riquinho sabe?

Orador D: Ahã.

Orador B: Não precisa ficar tratando esse personagem com tanta importância. Já que a gente tá vendo um personagem que tem um filme inteiro tão bem elaborado, tão bonito e tal. Pra mim me parece mais o peso do próprio estúdio, da DC, falando olha: vocês podem fazer o que vocês quiserem com o filme. Mas bota o meu personagem aí mais um pouco, entendeu? Tipo: meio que uma assinatura...

Orador D: Nossa... parece mesmo.

Orador B: É. É uma coisa...

Orador D: Parece mesmo. Eu também senti. Sim.

Orador B: É. Eu fiquei: pô, não precisava disso. O filme não precisa. Mas eu entendo que às vezes é uma questão de... de contrato.

Orador D: Conexão mesmo né?

Orador B: E contrato. Você vai assim: eu deixo...

Orador D: Conexão, contrato.

Orador B: Eu deixo você fazer o filme do jeito que você quiser e tal. Porém, você tem que socar de alguma forma coisas do Batman aí. Então taca a cena do Batman aí no final e tal, não importa. O resto tá livre. Sabe? E foi uma coisa. E pra mim – mas aí é bem pessoal – quando ele tá no apartamento com a namorada dele. E aí ela fala – quando ele entra no apartamento dela né, sozinho e tal – e ela fala: você é o cara, o vizinho. Você quer que eu chame sua mãe? E aí na hora que ele olha pra ela e aí mata ela na cabeça. Porque ele faz o gesto. E aí pra mim é o símbolo dele matá-la. Só que matá-la na cabeça dele. Tipo: tirando ela da cabeça dele. A gente tem uns flashbacks com ela e sem ela, tipo meio que pra marcar...

Orador C: E ele sozinho.

Orador B: É. E eu acho que aquilo pra mim foi tipo: ah, pra quem não sacou que tudo que ele viveu com ela foi fruto da imaginação dele, a gente faz um take mostrando ela e ele sozinho. Ela e ele sozinho.

Orador C: Tá. Foi explicativo mesmo.

Orador B: É.

Orador C: Perfeito.

Orador B: Não acho que é... não acho que é ruim de jeito nenhum.

Orador C: Desnecessário né?

Orador B: Não acho. Talvez não seja necessário pra mim. Mas eu estava assistindo com umas pessoas aqui e eu ouvi essas pessoas falando: eu achei bom. Porque assim, até a segunda vez que aparece ele sozinho, eu não tinha sacado que era imaginação. Aí depois, quando aparece ele na rua com ela eu falei: ah, então era tudo mentira da cabeça dele. Entendeu? Tipo: essa pessoa precisou... precisou de tipo, mais dois, três takes pra poder enxergar, sabe?

Orador C: Olhando por esse prisma pode ser interessante. Porque eu mesmo, quando eu e Ana Flávia – a gente foi juntos, né? – aí a gente dava aquela olhada marota pro outro: caralho, olha só, tipo né?

Orador B: Ahãh.

Orador C: Não precisava comentar, mas o olho tá falando: eita, aquilo tudo foi uma projeção dele e tal. E aí você já conecta. Eu acho que a gente matou assim que... que rolou né? Da reação dela mesmo falando: tu não é o Arthur, o cara que mora no final do corredor e tal?

Orador B: Quer que eu chame sua mãe?

Orador C: Exato. Exato e tal. Mas pra algumas pessoas pode ser necessário mesmo.

Orador B: É. É.

Orador C: Esse esclarecimento.

Orador B: Sim.

Orador D: Tem uma coisa que eu observei – eu não sei se, enfim, se cabe isso – uma coisa que eu observei e não... e não... não desdobrei, não entendi. Mas acho que foi uma... é uma coisa importante né? Muitas das situações né? Por exemplo, quando... principalmente quando vai se apresentando essa personalidade né? O cara é roubado, a placa dele, por meninos latinos. Depois ele vai no ônibus pra falar, pra brincar com uma criança e tem uma coisa, uma mulher negra. Aí mais uma vez uma mulher negra. Tem... tem... tem uma... tem uma... uma habitação aí. Que eu confesso que eu não captei. As duas terapeutas negras. Mulheres negras. Então...

Orador B: Eu acho que é por uma questão dos anos sessenta e setenta, do subúrbio de Gotham que representa o subúrbio do Nova Iorque. Então é tipo o Brooklyn, onde você tem uma comunidade mais pobre. E necessariamente, nos Estados Unidos, ela é feita por latinos e negros né?

Orador D: Ahã.

Orador B: Então é meio que assim é como se fosse... você vai fazer uma coisa de um subúrbio, então você tem que colocar atores que tenham [inint] [00:56:03] que são referência. Não é como Friends, por exemplo, que eles estão no subúrbio, mas todo mundo é branco.

Orador D: Sim.

Orador B: Não tem um personagem negro em Nova Iorque. E quem faz, sabe que não faz sentido nenhum àquilo lá, cem por cento branco o tempo todo.

Orador D: Sim.

Orador B: Porque é um lugar meio de subúrbio.

Orador D: Porque eu fiquei tentando entender se não teria mais uma camada para além dessa representatividade de época ou de status, classismo local ou essas coisas. Sabe?

Orador B: É. Eu também não consegui captar.

Orador D: Eu tô tentando provocar nessa...

Orador B: Sim.

Orador D: Foi uma coisa que me moveu a pensar. Mas eu não consegui chegar em lugar nenhum. Porque, enfim, mas eu fiquei atenta. Tipo assim: nossa... duas... porque por mais que a gente tenha um quadro subúrbio e tal, não sei que, a gente tem também um estigma sobre que posições as mulheres negras ocupam em determinada camada e ta-ra-rau. E por duas vezes eram duas médicas psiquiatras, terapeutas negras. Assim como... então eu acho que tem alguma... tem alguma iconicidade que eu não consegui compreender bem.

Orador B: Mas eu acho que o Bruno pode nos ajudar também se for o caso. Eu não sei. Eu tenho na minha cabeça que tem uma das terapeutas que é clássica dos personagens da DC na revista. E ela sempre foi uma personagem negra.

Orador D: Ah tá.

Orador B: Então, talvez... talvez até possa ser um diálogo com isso. Tipo, eu vou chamar isso...

Orador D: Ah, pode crer.

Orador B: É uma personagem terapeuta que tá exatamente no mesmo lugar que ela tá. E ela sempre foi desenhada como uma personagem negra. Então tem que chamar uma atriz negra pra fazer. Meio que, sei lá, sabe?

Orador D: Ahã.

Orador B: Eu não sei também.

Orador C: Não... parece não exatamente isso. Eu já identifiquei algumas figuras assim na Marvel. Falando nisso: chupa Marvel. Mas não era isso que eu ia dizer. Cara, eu ia dizer que essa cena, a primeira cena, quer dizer, da primeira terapeuta. Não a primeira cena dela. Mas quando ela diz pra ele que não... que o governo cortou. Aquele tipo... o atendimento. E ele assim: caraca, mas e a minha medicação? Como é que eu vou fazer? E aí vem toda aquela reflexão depois, de a pior questão da pessoa que tem um transtorno mental é as pessoas quererem que ela se portasse como se não tivesse.

Orador D: Ahã.

Orador C: Mas é uma coisa que ela fala assim, ela: olha só, o mundo ele não se importa. Nem com você e nem comigo.

Orador D: Ahã.

Orador C: Não se importa com pessoas como nós, né?

Orador D: Ahã.

Orador C: E aí é nesse aspecto que ela ficou sem saber responder o que ela levou a questionar. A gente tá falando de todas as pessoas que estão sendo absorvidas por essa subjetividade capitalística escrota né?

Orador B: Pra mim – na minha interpretação – até eu acho que quando ela fala isso – eu vi duas vezes né? – na hora que ela fala isso, tipo, ninguém... porque ela fala assim: ninguém se importa com você. Aí depois, aí ela para. Aí a gente vê a cara dele. Aí depois vem pra ela de novo: e também ninguém se importa comigo. E aí para. E aí mostra ela. E aí mostra os dois. E aí ela fala: eles não se importam com pessoas como nós.

Orador C: Como nós.

Orador B: E aí o personagem dá uma olhada muito séria pra ela. Sabe? Tipo, o Joker olha muito sério. E a minha leitura foi como se ele falasse assim: cara, não se atreva. Porque nem igual a você eu sou. Porque nem emprego num órgão público eu conseguiria fazer. Tipo: não se coloque no mesmo lugar que eu. Porque eu tô mais à margem que você. Porque eu não tô... eu não tenho condição de ter estabilidade neste lugar ainda. Sabe, pra mim foi tipo meio assim sabe? Uma coisa tipo: o cara tá muito sendo jogado. Até porque nessa cena...

Orador D: Sim. Porque nem ela também, no final das contas...

Orador B: Sim. A gente sabe. Mas eu digo assim: talvez ele não leia assim. Em termos do personagem...

Orador D: É. Mas...

Orador B: A gente sabe.

Orador C: Mas é que quando você tá no meio desse turbilhão é muito difícil você ter alguma clareza mental né?

Orador D: É. Eu acho que... só... só pro Brunão pegar o gancho legalzão. Eu vou levantar pro Brunão cortar. Na verdade, me provoca esse lugar assim. E aí trazendo pras questões sociais que são pautas contemporâneas sem negociação né?

Orador B: Sim.

Orador D: É... as... as duas ou três primeiras opressões que ele recebe são de pessoas claramente oprimidas.

Orador B: Sim.

Orador D: São de moleques periféricos latinos. São de mulheres negras. São de... isso que eu acho que tem um discurso por aí e que eu não consegui ainda ler...

Orador B: Entendi.

Orador D: Exatamente. Mas que existe um discurso existe. Não tô dizendo que a pessoa portadora de... de doenças psiquiátricas não seja uma marginal. Mas dentro do espectro social, uma pessoa branca com problemas mentais tem menos marginalidade do que qualquer outra pessoa desse espectro que a gente citou aqui. Então assim, independente da questão da doença mental. São espectros diferentes. Mas ainda assim, existe uma hierarquia de... de opressão aí. Porque não tem como a gente não olhar a sociedade com essa... com esses olhos ainda.

Orador B: Sim, sim. Eu saquei.

Orador D: A gente vai ter que... a gente vai ter que equalizar muitas coisas ainda pra poder tentar generalizar mais. Então é só sobre esse lugar aí que eu... que tentou... parecia pra mim que tinha algum discurso que eu não consegui ler, sabe?



Orador F: Eu entendo a sua percepção. Eu acho que não é errada. Eu acho que pode ter alguma coisa ali, de repente, que o diretor quis colocar. Mas eu acho que esse não é o foco. Eu acho que o foco dele principalmente é a questão do poder, dos poderosos contra toda a renca. Sabe?

Orador D: Ahã.

Orador F: Tipo: não interessa que cor, não interessa que gênero, não interessa que orientação. Sabe? Aqui não interessa. É tipo: quem tem e quem não tem.

Orador D: Quem tá fora da carta, tá fora do baralho.

Orador F: Exatamente. Sabe? Eu acho que esse que é a grande mensagem. Então, porque, por exemplo, o pai do Bruce Wayne lá, o Thomas. Ele nunca foi retratado em nenhum filme de Batman nem coisa nenhuma, sabe? Ele sempre foi a vítima.

Orador B: Ahã.

Orador C: É. Ele nunca foi o reaçã escroto.

Orador F: É. Ele sempre foi a vítima. E nesse aqui ele é o escrotão, né? Isso cara, pra mim é a melhor coisa do filme.

Orador D: Ahã.

Orador F: Mostrar a verdadeira face...

Orador D: Total.

Orador F: Desse cara que se achava acima de tudo e de todos. E foi por isso que ele saiu na rua, no beco. Porque ele se achava intocável.

Orador D: Sim.

Orador F: Entendeu? E tomou um tiro na cara. Pra ver como a vida é... na vida real. Isso, entendeu?

Orador D: Pra ficar ligeiro.

Orador B: É.

Orador F: Eu acho que esse que é o grande lance.

Orador D: É. Eu entendo absolutamente isso. Esse é o conflito. Essa é a mensagem. Eu tô... eu tava tratando de submensagens.

Orador F: Claro, claro.

Orador D: De pequenos pseudodiscursos que podem mais camadas, mais coisas né? Para além dessa que sim, total, essa é a grande... a grande coisa.

Orador F: Mas eu acho que não tem muito isso. Até porque, por exemplo, ele se apaixona pela menina que é negra também. Tudo bem que no final ele enlouquece totalmente e acaba – assim, na minha interpretação, não aparece isso no filme e acho que fez bem em não aparecer no filme, porque ia ser mais uma questão de polêmica em cima – eu acho que ele não matou ela só na cabeça. Eu acho que ele matou ela na vida real.

Orador C: Ah é. Como não mostra...

Orador F: Como não mostra fica...

Orador C: Fica aí pra nossa subjetividade.

Orador F: Mas como a cena logo em seguida. A cena logo em seguida, ele vai pra casa. E aí você vê as luzes das sirenes chegando, eu imagino que ele tenha feito uma coisa horrível com ela sabe? Por mim ele jogou ela da janela sabe? Eu acho que foi uma coisa absurda que ele fez. Tanto que ele chega e ele tá lá no apartamento dele, rindo descontroladamente.

Orador D: Sim.

Orador F: Que ele só faz quando ele está muito nervoso né? Então, mas enfim, eu acho excelente a escolha do diretor de não mostrar.

Orador D: Total. Perfeito.

Orador F: Sabe? Até pra não piorar o caldeirão do que...

Orador C: E, talvez, nos afastar desse lugar de comoção e da importância que a gente acha que precisa...

Orador D: É. Eu só acho mesmo...

Orador C: Diante do discurso do louco ali né?

Orador D: Que todas essas coisas, que todos os corpos são políticos. E todas essas presenças trazem uma carga...

Orador B: Perfeito...

Orador D: De discurso...

Orador B: Sim.

Orador D: Só por elas estarem ali.

Orador B: Sim, sim.

Orador D: Então... e não é sobre estar construindo um... tanto é que é isso: eu não sei quais são os discursos. Eu só me... fiquei atenta. O meu olho viu isso.

Orador F: Tem que ficar. Tem que ficar.

Orador D: O meu olho viu a mulher negra sendo escrota com ele. O meu olho viu os latinos batendo nele. O meu olho viu. Então assim, eu não tenho como desver. E aí eu tenho as terapeutas negras. Aí eu tenho uma possível... um possível amor negra. São várias camadas. Não é como se isso fosse uma grande... um grande discurso racial ou coisas assim. Mas acho que tem coisas aí, misteriosas pra esse acontecimento. Não sei.

Orador B: Rola um diálogo muito interessante em termos de cena, que é esse lance das terapeutas e com o cara, que eu achei muito bonito assim. Que ele lá, na primeira cena da terapeuta – não sei se vocês repararam isso, eu até falei isso lá no Cinem(ação) vou ficar me repetindo pra quem ouviu lá e ouviu aqui – é que assim, a cena...

Orador C: Cinem(ação) tá gente? Não é cinemão. É Cinem(ação).

Orador B: Mas é assim, ele rola uma coisa muito interessante. Que é na cena que ele tá com a terapeuta a primeira vez e a segunda também. Mas na primeira vez é muito bem marcante. Porque tem um telefone tocando no fundo. Que não para de tocar o tempo todo. E aquele é um lugar de tipo... de receber pessoas que estão precisando de ajuda. Só que ela não escuta o que ele tá falando. Tipo, não é uma conversa né?

Orador C: Nunca...

Orador B: Não é um diálogo...

Orador C: Não escuta nunca...

Orador B: Tipo: ele fala sozinho e ela fala outra coisa. Ela espera ele terminar e ela fala uma coisa. E tem um telefone tocando e ninguém atende o telefone, cara. Durante a cena toda. Tem uma pessoa ligando, pedindo ajuda, sei lá. E ninguém atende a porcaria do telefone. E isso é proposital. Porque na segunda vez que ele vai numa terapeuta, o telefone também tá tocando. Sabe? Também tá tocando e ninguém atende.

Orador C: Gustavo, porque são lugares Gustavo. Os telefones estão tocando sempre.

Orador B: Sempre. É. Isso, isso. E ninguém atender é muito simbólico. Mas aí no diálogo, em termos de cena, diálogo no sentido cena. Cena como cena. Ele vai depois pro hospital pra conseguir lá na enfermaria do hospital, pra pegar o remédio. E aí ele tá atrás, separado por uma grade com o cara. E aí ele começa efetivamente a falar do problema dele. Vocês repararam? Ele, de verdade...

Orador F: Ele pede ajuda pra um assistente administrativo ali.

Orador B: Exato.

Orador F: É.

Orador B: Só que é a primeira vez que de fato o cara escuta ele. É a primeira vez que alguém ouve ele de verdade.

Orador C: É. Sim.

Orador B: Só que o pior é que o cara justamente fala, olha: eu trabalho no paper work.

Orador F: É. Que ele não pode.

Orador B: Ele não pode fazer nada.

Orador C: Ele não pode ajudar né?

Orador B: E aquilo pra mim me matou. Eu falei: cara, primeira vez que ele...

Orador C: Aí você fala: caralho, como as pessoas estão nos lugares errados mesmo né? Tá tudo...

Orador B: Escutado cara.

Orador C: Tá tudo deslocado...

Orador B: Quando tem a oportunidade. Quando ele tem a oportunidade de ser escutado, o cara não pode. O cara não tá habilitado, o cara não tá capacitado. Enfim, ninguém escuta esse cara. Nem quem pode, pode escutar esse cara. Sabe? E aquilo pra mim foi assim, muito simbólico desse... desse lance de... de brincar com os personagens. E aí depois, no final – e eu entendo isso que o Bruno falou de uma forma diferente – pra mim, eles marcam as matanças, as mortes dele com sangue, na sequência, a dança. Sabe? Tipo é uma marcação dentro do filme. O filme... o filme, toda vez que ele comete um assassinato você vê sangue e na sequência ele dança. Quando ele mata a mulher no... no...

Orador C: Mas eu acho que o que o Bruno quis dizer é que como ele não mostra...

Orador B: Não, por isso...

Orador C: Aí, talvez, não mostra toda a sequência né? Mas de fato ele só tem aquele surto...

Orador B: É. Mas aí também é... é, mas... mas eu digo no sentido...

Orador C: Quando é algo que tirou ele totalmente do compasso.

Orador B: Mas eu tô dizendo no sentido assim... claro. Mas aí a gente é que tá interpretando uma coisa que não tá aparecendo.

Orador C: Claro, claro.

Orador B: Eu tô dizendo assim, que o que foi mostrado é: toda vez que rola morte tem sangue e na sequência, ele dança. E dessa vez... e mais: a gente quase nunca vê ele matando né, assim, só na cena final, que você vê ele empunhando a arma e atirando. Porque a vez que ele mata os caras é meio no desespero. Toda vez é muito assim, muito alopchado. E dessa vez, ele faz o movimento super devagar e bota o revólver na cabeça, que é uma referência à imagem que ele tinha dela no elevador. Aí ele bota o revólver na cabeça.

Orador C: Sim.

Orador B: E aí você vê a cena dela né?

Orador C: Sim.

Orador B: Depois que você vê ele na cabeça, você vê ela indo pra trás, com a mão na boca e: hã? Meu Deus; não sei o quê. E aí depois ele tá lá chorando.

Orador C: Ah sim.

Orador B: Sabe? Tipo, ele sai do apartamento. Então pra mim foi uma morte, mas foi uma morte simbólica. Não foi uma morte... como ela nunca fez... e ela tratou ele bem. Porque ele tava sentado e ela fala: você quer se ajudar? Você não devia tá aqui. Você quer que eu faça alguma coisa? Ela tá preocupada com ele. A mesma coisa aconteceu com o anão. O anão tava sempre preocupado com ele. E aí ele deixa o anão passar. Ele...né? Dá um beijo e fala: não, pode sair...

Orador C: Aquela cena ali é maravilhosa também.

Orador B: Porque você sempre se preocupou comigo. Então ele poupa as pessoas que, de verdade, são honestamente preocupadas. Que não estão querendo se aproveitar dele né? Então meio que...

Orador D: Sim.

Orador B: Meio que mostra esse lugar né?

Orador C: Não. E ainda se a gente for pensar na simbologia, o anão né, dentro da escala de... de escória marginal, ele é o que tá abaixo mesmo. Que horror falar isso. Mas que tá no menor lugar. Porque a gente brincava até quando na Colapso, eu a Nega e a Ana, que a gente se unia pra diminuir a Ana. Então, que a Ana era o nosso anão e tal. É... acaba sendo algo... um lugar que a gente revisita e conversa muito. Acabei estudando muito essa figura, por conta da montagem do Édipo Rei...

Orador D: Do anão do Édipo né?

Orador C: É. E... e... e que ele tá num lugar de poder. Mas o quanto isso é subversivo. Porque a gente tinha na Idade Média um dia em que um anão era condecorado como a figura mais importante da sociedade. E se desfilava em exaltação a esse anão. E depois ele era linchado. Para lembrar da realidade. Então assim, o quanto esse lugar, ele já é tão revisitado enquanto o pior dos lugares. E é um dos momentos mais humanos do filme, que nós temos lá.

Orador B: É. E ao mesmo tempo, quando rolou a cena do anão. E que ele vai... tem aquela piada dele querer sair e não conseguir. Na hora que teve aquela coisa...

Orador C: Ai, que tristeza...

Orador B: É. Eu fiquei pensando... eu fiquei pensando...

Orador C: Ele não alcançava...

Orador B: Eu fiquei pensando se aquilo não tava muito errado. Sabe? De verdade. Eu fiquei assim: gente, mas sei lá, se tem um anão assistindo, você não tá só com essa representatividade histórica. Você efetivamente tá sacaneando atual, a estatura, a altura de uma pessoa.

Orador C: É o famoso rir de nervoso. A gente ri da condição...

Orador B: É.

Orador C: E ri depois, meio trêmulo...

Orador B: Eu fiquei. Eu fiquei assim...

Orador C: Preocupado de tá rindo daquilo.

Orador B: Isso.

Orador C: É um lugar muito interessante também, que a gente é colocado como público né?

Orador B: É. Eu fiquei meio assim: cara, eu acho que não devia ter essa cena. Eu falei: não, isso aí tá meio errado. Fica aquele... aquele sentimento assim, sem saber o que pensar.

Orador D: Sim, sim.

Orador C: Mas é o que dá todo o final. Todo o desfecho da própria cena, que ele fala: não, fica tranquilo. Eu não vou te matar não. Ele vai lá, abre pro outro. Aí antes de ir, ele ainda dá uma assustadinha. É muito bom, cara. E eu acho que é isso, o filme ele... ele passa por lugares que fazem a gente questionar também: poxa, será que isso seria moralmente legal ter isso ou não? E acho que a discussão não é mais moral. Ela é ética mesmo. Então a gente ultrapassa essas barreiras. E consegue chegar a outros níveis de humanidade, de... que eles acabam desenvolvendo naquela cena ali, que é uma das que eu mais gosto.

Orador D: E tem alguma coisa de muito redentor e muito... de muito é... assim... revolucionário mesmo né? Que a pauta do... do... da pessoa portadora de doença mental, de doença psiquiátrica se torne a pauta mais... mais sã dentro de um sistema que tá totalmente corroborado e pautado na... na... né? No... no... em valores questionáveis. E, de repente, você vê essa... esse protagonismo crescer né? Então quem vai cagar regra agora em Gotham, liderando um movimento absolutamente furioso e importante, violento, igualmente né, de reação e até de sobrevivência de uma sociedade. Porque às vezes, precisa passar por uma... um grau de enfrentamento tão violento assim, é uma pessoa que é portadora de doença psiquiátrica, cara. Isso é um protagonismo muito maluco, muito incrível.

Orador C: Muito incrível mesmo.

Orador D: Muito maluco também. É muito transgressor. Sabe?

Orador B: Exato.

Orador D: Não... não... não tem uma... e isso é muito bom. Porque todas as questões dele

são... são pequenas questões da... da... da... do humano, de uma pessoa. Não tem um grande fato. Não tem uma... uma grande pessoa má que cortou a bochecha dele e criou aquele sorriso. Não tem uma pessoa que escravizou ou... têm muitas questões, assim como todas as pessoas têm muitas questões, quando vão chafurdar nas suas histórias. E tem um monte de questões escrotas. Umas mais, outras menos. Mas isso faz parte do nosso repertório de vida. Você vê não tem fatos tão exacerbados ou de reação. É... é simplesmente o distúrbio, a incapacidade mesmo né? A incapacidade dentro do que se considera capaz. O que é ser capaz, também né, e tal. Então esse protagonismo de um portador de doença psiquiátrica numa liderança nessa camada social é pra mim, é uma coisa muito transgressora. Isso é o que eu acho que deixa todo mundo saindo, de repente, dali... pelo menos o que me deixou saindo dali parecendo, sei lá, que eu tinha tomado muitas drogas, que eu tava sob efeito de muitas coisas. Porque me remeteu a muitas... a muitas sensações químicas no meu corpo, físicas, de... de descontrole, de desajuste...

Orador C: Não. A gente não tá falando disso à toa...

Orador D: A gente saiu passando mal...

Orador C: A gente não conseguia...

Orador D: Dando patada, andando, pisando duro no chão, parecia...

Orador C: A gente não conseguia sair do shopping, amigo.

Orador D: Tipo uma loucura mesmo.

Orador C: Malucos. Perdidos no estacionamento. Pedindo direcionamento.

Orador D: Tentando acender um cigarro. Tentando acender um cigarro. Desesperada. Eu vou fumar um cigarro. Meu Deus do céu. Tipo Asilo Arkham.

Orador C: Asilo Arkham total. É foda.

Orador D: Sabe? E é muito bonito. Só para terminar essa fala. E aí pensar Asilo Arkham, que sempre foi assim... é um dos HQs pra mim, o mais... um dos mais bonitos plasticamente, lindo. Tudo né, sobre o asilo. E saber que geral foi pro Asilo Arkham. Geral. Geral. Herói, bandido, na-na-na, vilão. A mãe.

Orador C: A porra toda. A porra toda.

Orador D: A porra toda. Isso... isso realmente, olha... é muito bonito pra mim.

Orador C: Olha: eu tô com a minha vaguinha garantida no Asilo Arkham.

Orador D: Eu fui de lá, gente.

Orador C: Ah, né amiga? Eu bem que saquei. Essa carinha não me engana. Cara... gente, eu fiquei tão maluco, mas tão maluco, que eu fui falar do filme com os meus... primeiro: não consegui trabalhar na outra semana. Quer dizer, naquela semana em si. E cheguei essa

semana pro trabalho assim, totalmente descompensado. Eu sei que o filme me levou pra um lugar – eu tava falando hoje pra Ana Flávia – que num primeiro momento... também tava ali debatendo com a Gê antes de começar a gravação, com a Geórgia, a nossa produtora, falando: caraca Gê... ela falou: ah por quê? Eu falei: eu tô muito irado, cara. Eu tô num nível, sem nível. E aí ela falando que ela, poxa, que ela mais do que irada, ela ficou deprimida, triste. Eu falei: cara, esse foi o primeiro estágio que eu tive. Mas eu tô num estágio de repugnância contra todo tipo de escrotismo que eu tenho visto aí. É... e parece que eu tava engolindo isso e gerou uma indisponibilidade pra que não mais.

Orador B: Ahã.

Orador C: Muito doido. Eu tô muito perigoso, gente. Vou tomar aqui o meu Rivotril.

Orador B: É cara. O filme... o filme, primeiro... primeiro: ele é uma obra... ele é uma obra cinematográfica muito boa né? Assim: a atuação é excelente, de alto nível mesmo. O som do filme, ele é incrível, muito bem elaborado, muito bem desenhado, toda... um cuidado com a fotografia, com as cores e as composições através dos frames. É muito bom. Eles usaram equipamentos de altíssimo nível com as lentes e as câmeras. Não quero entrar muito nesse aspecto técnico. Porque pra mim, o filme tem esse outro lado ainda, que é um cuidado artístico de tratar um tema tão importante, de uma forma que não é só a temática. De forma que não é só a temática do joker como a história desse personagem apenas. É também uma forma de: ok. A gente vai contar essa história, mas a gente vai contar essa história bem da forma certa, sabe? Chamando as pessoas certas. Chamando uma compositora com muito gabarito pra fazer, com uma força criacional incrível. Tipo, tudo é muito bem elaborado, sabe? O filme é bem perfeito, assim. E aí, por causa disso, ele gera, pelo menos em mim, essa também, essa mesma sensação. Porque quando eu vejo uma obra que é muito importante, que fala de uma temática muito inteligente, mas que tá ainda falhando, sei lá. Por exemplo, você pega Avatar, que fala de uma temática interessante, importante, que é a preservação do meio ambiente, que é como vai acabar o planeta né? O planeta não, a gente. A gente vai destruir. E o caminho é esse. A gente já era. A gente tá ferrado. Então o Avatar é um filme muito importante, que mexe com um assunto que me toca profundamente, assim. Só que ao mesmo tempo, ele tem toda uma roupagem de vilão, cretino e mau e tem o herói. Tipo, ele tem toda uma outra questão que e pra também, ser mais comercializável, que não me toca emocionalmente. Eu achei esse do Joker, é um filme que ele foi elaborado pra mim, assim, a minha sensação. Era assim: cara, esse é um filme pra mim. Ele fez esse filme pra mim. Sabe? Foi muito pessoal, cara.

Orador C: Que maluco.

Orador B: É.

Orador D: Caraca.

Orador C: Falando nisso, em coisa pessoal, gente. Miss... alguém sabe me dizer se o Joaquin Phoenix tá casado? Tô falando sério. Porque eu tô muito a fim de ser a Arlequina desse Coringa. De verdade, velho. Pesquisa amigo, por favor, tô precisando saber. Vamos fazer



esse programa de podcast chegar no Joaquin Phoenix. Me liga.

Orador B: Ai, ai, ai. Não sei não. Tem que... tem que ver aí né? Mas talvez ele esteja casado.

Orador C: Maravilhoso, maravilhoso. Foda-se. Pra ser a Arlequina também, não é esse tipo de relação que eu tô buscando. Foda-se. A gente dá um jeito nisso.

Orador B: Você tá falando com quem? Eu não tô ouvindo nada. O Bruno tá falando de lá da cabine.

Orador C: Que ele é casado e hetero. Então eu vou ter que matar a Arlequina, Joaquin. Já vou avisando. Tá?

Orador B: Mas é importante lembrar pro nosso ouvinte, que vocês vão ouvir muito barulho hoje, de entrada e saída do estúdio. Porque hoje... hoje o programa foi... hoje o programa foi catártico né? Hoje o programa foi... foi assim...

Orador C: Ele ia falar zoadado. Só que ele tá com medo de falar isso na nossa... que eu posso ir no Canadá matar Gustavo.

Orador B: Não, não é zoadado. Eu acho que ele tá catártico. Porque eu acho que hoje a gente pode tirar as máscaras e as qualificações e as qualidades que a gente sempre tenta manter. Mas hoje... hoje não importa. Isso não importa. Hoje o que importa é essa... é esse... esse grito que a gente precisava dar. Mais alguma coisa gente, que vocês acham que devia ser colocada. Vocês queriam citar momentos importantes? Um pedaço do filme? Ou até pro público como um todo, poder pesquisar pra poder aprender um pouco o filme, um pouco além da história?

Orador C: Cara, não. Eu só queria dizer que realmente se você não tá, assim, se sentindo muito forte emocionalmente, não vai não tá? Não vai não. Vai em outro momento. Porque nem tudo é pro momento que a gente tá. Então eu acho que vale à pena essa investigação. É... pode ser que você não esteja realmente preparado pra poder lidar com as emoções ou com o quanto esse filme pode mexer com os seus nervos. Então esse é o recadinho que eu queria deixar.

Orador B: Eu queria deixar um recadinho, que eu acho que vale à pena, se tu ainda não assistiu esse filme. Por algum motivo, tá ouvindo esse podcast. Ou então viu o filme, mas não gostou muito, não concordou, não viu essas coisas todas. Faz o seguinte, dá uma pesquisa rápida pela internet mesmo. E dá uma olhada em alguns vídeos, como a Ana Flávia colocou. Dá uma olhada em alguns vídeos de palhaços e palhaças específicas, que a gente vai tentar levantar, pra você ter um repertório na cabeça, imagético e de performance de palhaços em cena. E depois você vai lá assistir o filme e você vai conseguir identificar essas figuras lá. Então, eu queria indicar o Slava Polunin, que é um palhaço russo, eu acho que da Rússia mesmo, se eu não me engano é com esse nome; é da Iugoslávia. É Slava Polunin. Cara... e ele tem uma figura, uma imagem muito interessante. Porque ele tem uma coisa grotesca, triste, visualmente pesada, sabe? Ele é um palhaço pesado. A máscara dele né? A composição da cara é toda meio preta. Ele pinta a cara – não que ele pinta a cara de preto – tipo, a

maquiagem dele não é uma maquiagem branca. É uma maquiagem de carvão, suja. A única coisa que ele tem transformar a maquiagem é um carvão velho, sabe? É terra no chão. E o nariz dele é um nariz bem gigante, é vermelho assim. E ele é um velho. Caramba, ele é maravilhoso visualmente. Então você assiste vídeos. Ele é bem clichê, bem clássico daquele palhaço. Mas visualmente é muito interessante você procurar, pra dar uma referência. E um outro que eu queria indicar, que você pode tentar achar é... é um palhaço argentino, que tem... que tem algumas coisas na internet. A qualidade vai ser sempre ruim, porque são pessoas que mandam no celular. Ele não filma muita coisa, que chama Tenaza. Cara, o Tenaza também tem uma linha de interpretação, de atuação como palhaço muito diferente. Porque também é um cara que não usa nariz ou usa muito pouco. O nariz representa mais uma comicidade. Eu entrevistei o Tenaza e perguntei pra ele essa coisa do palhaço, o nariz e tal. E ele... e ele fala: cara, eu não consigo mais me identificar dessa forma. Pra mim é esquisito. É estranho. Eu sou o palhaço. Mas eu não sei exatamente dizer se eu preciso ter o nariz, se eu não preciso. E ele foi um dos caras que falou que não adianta nada você ter um nariz fora se você não tem o nariz dentro.

Orador D: Total...

Orador B: Não adianta você botar o nariz fora se você não tem o nariz dentro. Enfim, são dois... duas figuras. Eu poderia citar trezentas milhões. Eu acho que os nossos queridos integrantes do Trabalho de Mesa vão poder citar outros; pra ajudar o público a visualmente ter referências para poder assistir esse filme novamente.

Orador D: Eu... eu gostaria de dar uma referência também, que traz... que traz essa presença do nariz. É que é a Madame Froda, Ana Luíza Bellacosta, Madame Froda, com o espetáculo, com o número Música Clássica. Pode procurar esse número dela aí, que é campeão. E aí vocês vão poder ver também a... a palhaçaria de mulher. Aí também o ícone do nariz. A brincadeira como é e tal. Bem, bem importante.

Orador B: Massa, massa.

Orador D: Deixaria essa dica aí: Madame Froda.

Orador C: Não. E assim e também citando Chacovachi: como um palhaço mau pode...

Orador B: Arruinar a sua vida.

Orador C: Arruinar a sua vida. Porque pode.

Orador D: Sim.

Orador C: Fica a dica, Brasil.

Orador B: É. O Chacovachi tem bastante coisa também na internet. Nem sempre coisas oficiais. Ou seja, não é... ele tem documentários. Tem um clipe que é muito interessante, que é ele acordando, num trailer. Ele tá bem bizarro e bem maluco. Eu acho que vale à pena também, como referência. O Chacovachi tá sempre sendo citado. Mas eu acho que vale à pena vocês procurarem como público, conhecerem mais palhaços e palhaças. A gente tem

muitos palhaços no Brasil também, com... com trabalhos excelentes, de coisas diferentes. Assim, do tipo palhaço, clown de dentro de sala de espetáculo, aquela coisa bem limpa, mímica. E ao mesmo tempo, outros que são totalmente sujos, que estão na rua e tal. E tudo isso engloba esse lugar. Que eu acho que esse filme conseguiu brincar sabe, e passar por. Que vale à pena também, pra você como ouvinte, que não conhece palhaço e que não sacou essa figura no filme, que tá pensando no filme mais como o Coringa do Batman, vale à pena dar uma escutada, dar uma assistida nesses palhaços antes, pra poder rever o filme com esse outro olhar sabe?

Orador C: É. No mais, agradecer Brunão por ter vindo aqui esclarecer nossas dúvidas técnicas e tudo mais.

Orador D: Sim. Maravilhoso. Queria poder ter ouvido muitíssimo mais sobre as pesquisas do Bruno, os olhares...

Orador C: Mas aí a gente vai discutir. Tá no Refil?

Orador D: Eu vou assistir hoje de novo gente.

Orador C: O filme né?

Orador D: É. Eu tô indo assistir.

Orador C: Eu vou ver novamente. É porque eu ainda não tô bem mesmo pra ver de novo. De verdade.

Orador D: Sim.

Orador C: Brunão, você gravou foi no Refil ou foi... foi no Refil. A gente vai lá depois escutar o programa dele também, sobre o filme do Coringa.

Orador B: Legal, legal, legal. então é isso gurizada, vamos encerrando por aqui, indicar a vocês que procurem outros podcasts que estão falando sobre o filme, pra você poder fazer essa análise. E também queria pedir pra vocês uma coisa muito importante, que é: espalha a palavra do Trabalho de Mesa pra outras pessoas que curtem podcast e talvez não conheçam a gente. Porque a gente tem uma audiência muito pequena. E era legal ampliar. Porque nós somos o único podcast desse país sobre teatro, pela perspectiva interna, de pessoas, com palhaças, com palhaços, com doutores, com mestres, com professores, com artistas né? Nós não somos um bando de publicitários falando de cinema. Nós somos efetivamente artistas falando de arte. Então eu queria pedir que vocês também divulgassem. Mostra isso pra outras pessoas, se vocês concordaram. Seria muito interessante se vocês, ouvintes, não acharam legal coisas que a gente falou ou vocês entenderam diferente do que a gente citou ou você acha que a gente não falou de uma coisa que deveria ter sido falada. Por favor, manda um e-mail para o [bilheteria@trabalhodemesa.com](mailto:bilheteria@trabalhodemesa.com) pra gente saber, pra gente poder começar essa conversa. Peçam temas, porque a gente tá se encaminhando para o final, final, final desse episódio. Final, final, final desse programa. Então vamos levantar os últimos temas que vocês queiram que a gente fale até o final do ano ou até o final das gravações. E queríamos pedir

que vocês procurem a gente na rede social, que procurem a gente no Facebook, Instagram, Twitter, Youtube, enfim, todas as coisas. Manda mensagem, se manifesta. Queríamos pedir encarecidamente que vocês, por favor, entrem em contato. Um beijo e até mais.

Orador E: O Trabalho de Mesa é uma criação da ETCA, Equipe Teatral Confins-Artísticos.

Orador A: Este projeto é realizado com recursos do Fundo de Apoio à Cultura do Distrito Federal.

...

**Fim da Transcrição 01:28:52**